CMFL Notícias

ANO 2 - NÚMERO 13 - SETEMBRO/96

ACONTECEU

- Em agosto/96, em Fortaleza/CE, o *1º Festival de Folclore Infanto-Juvenil da Fundação da Criança da Cidade* - FUNCI, que realiza os projetos Semear e Crescer, destinados ao desenvolvimento sócio-cultural de crianças e adolescentes em situação de risco. Atividades educacionais envolvendo apresentação de danças folclóricas, capoeira e músicas populares fizeram parte deste evento.

- De 05 a 08 de setembro, em Juiz de Fora, a *2ª Semana do Folclore da UFJF/AMALÊ/FUNALFA*, tendo como tema "As estórias e a vida de um povo..." Entre as atividades realizadas, destacamos: lançamento do 7º número da Aboio, Revista de Literatura & Idéias, palestra de Edimilson de Almeida Pereira, membro efetivo da CMFL, sobre o tema: "Do presépio à balança - significação da cultura popular", exibição dos vídeos "Santos Reis", "Paraibuna: a terceira margem" e "Reciclagem". Houve também apresentações de danças e músicas folclóricas pelo grupo Amalê e Rubinho do Vale.

- A profª Maria do Carmo Tafuri Paniago, membro efetivo e conselheira da Comissão Mineira de Folclore, no dia 17 de agosto, fez palestra no Seminário Mineiro de Teatro, promovido pela Federação Mineira de Teatro (FETEMIG), na cidade de Além Paraíba/MG, sobre o tema: *"Cultura Popular e Folclore - o Aproveitamento do Folclore no Teatro"*.

- O Professor Antônio Henrique Weitzel ministrou um curso intensivo de *Literatura Oral e Linguagem Popular* em Curvelo, dia 21 de setembro. O curso foi promovido pelo Departamento de Línguas e Literaturas da Faculdade de Ciências Humanas de Curvelo.

- Obteve o 3º lugar no Concurso de Vídeos Culturais, realizado na cidade de Poços de Caldas/MG, o trabalho feito pela equipe do programa "Zini, Zini, Zini", da TV Viçosa, UFV/MG, sobre o tema *"Encomenda das Almas"*. O vídeo contou com a participação da folclorista e escritora Maria do Carmo Tafuri Paniago, membro efetivo e conselheira da Comissão Mineira de Folclore.

18 de Setembro: Dia da Seresta, Dia de Carlos Felipe

Belo Horizonte é a única cidade brasileira que tem um dia oficialmente dedicado à seresta: 18 de setembro. E há razões para isso. Desde o surgimento do primeiro Projeto Seresta, na Praça da Liberdade, que a capital mineira transformou-se no município mais seresteiro do Brasil. Para comemorar a data, vários grupos de seresta estiveram na Câmara Municipal, participando da solenidade do Dia Municipal da Seresta, que foi marcada com a entrega da Comenda do Mérito Cultural Rômulo Paes ao jornalista e folclorista Carlos Felipe de Melo Marques Horta, membro da CMFL, grande responsável por todos os projetos de incentivo e estímulo à seresta em Minas Gerais. Este dia foi escolhido também por ser dia do aniversário de Carlos Felipe.

Belo Horizonte conta com mais de 80 grupos seresteiros, de vários tipos e modalidades, todos, entretanto, mantendo o espírito característico das serestas, unindo a tradição com as músicas românticas atuais. Estes grupos foram surgindo ao longo de vários projetos alimentadores como o já citado Projeto Seresta, o Seresta na Praça, o Seresta nos Bairros, ô Noites Mineiras, o Seresta do SESC e, principalmente, a Seresta ao Pé da Serra e o Minas ao Luar, todos sob a coordenação de Carlos Felipe. Sem falar nas dezenas de bares e restaurantes que têm na seresta a sua atração principal, especialmente às sextas-feiras. Grupos como o Sereno da Madrugada, Bando da Rua, Falso Brilhante, Diamantina em Serenata, Edna Fagundes e Banda Calor Musical, o Clube do Choro, Brasil Musical, Seresta de Ouro, Waldir Silva e seu Conjunto, Cidade Nova em Serenata, o Grupo de Seresta do Coral Júlia Pardini, Reminiscências, Seresteiros de Ouro e muitos outros são conhecidos, hoje, em toda Minas Gerais e também em outros Estados.

Ao agradecer as homenagens que lhe foram prestadas por toda comunidade artístico-cultural de Belo Horizonte, o folclorista Carlos Felipe, como grande jornalista e seresteiro que é, fez a seguinte

Profissão de Fé

Sou filho destas gerais
nasci nestas montanhas
sou neto de Tiradentes
me apaixonei por Marília
e cantei o choro de Perpétua.

Nos escaninhos das igrejas
cheias de anjos rubicundos
eu ruminei mil mundos
e soletrei versos de liberdade.

Aprendi nas ruas e praças
junto aos casarões seculares
que em Minas há sempre nos ares
um sereno e uma canção de amigo.

Fiz versos que não declamei
discursos que sempre guardei
dentro dos baús do pensamento
e mineiramente construi paixões
que como o minério destes torrões
escondi no fundo de mim mesmo.

Mineiro sou.
Destes de colher sempre-vivas.
De percorrer sertões que nunca vi
De pescar peixes que não existem e
andar de trem só na memória.

Canto modinhas ao meio dia
e tenho na mente as estrelas
de que preciso para as serenatas
E colho, a cada instante, do chão
águas marinhas em profusão
transformadas em poesias.

Nos versos de Drummond aprendo que
o tempo
é minha matéria e em Guimarães
descubro
que há muito mais Minas do que as
que vejo.
E por isso a vida rumorejo vendo
quantas delas
há em mim.

As minas do arraial,
a da gruta, do cafezal,
da mina que já secou.
Da montanha que explodiu
da menina que sumiu.
Do eterno padre que nunca fui
Do negro fugido que se escondeu em
mim,
do meu Santo Antônio Pequenino
e da Senhora do Rosário dos meus
cantos.
As minas dos meus desencantos
Do sonho que virou verso
Dos fantasmas e dos espantos
deste tão pequeno universo.

E bebo as cachaças por Minas
Versejo esta terra e sua gente
buscando em cada poente
um novo horizonte nas campinas.

Onde cantarei com meu pai
e em dupla com dona Lia
farei de cada noite e cada dia
um instante sublime de amor
Com lugar para as crianças
e onde todas as esperanças
renasçam a cada momento
Ao piscar do pensamento
ao toque de cada emoção.
E morrerei um dia em festa
ao som da eterna seresta,
ouvindo o som do congado
sentindo que está ao meu lado
a Virgem da Conceição.
E atravessando as cortinas
que molduram as serras de Minas
eu tentarei, num último instante,
colher um bom diamante
junto à curva do ribeirão
Para pagar a passagem
da minha última viagem
em busca da imensidão.

PS - *A Comissão Mineira de Folclore se orgulha de ter entre seus mais atuantes membros e seu ex-presidente, o jornalista, professor, pesquisador, folclorista, escritor, poeta e seresteiro Carlos Felipe. Parabéns! Viva 18 de Setembro: dia da seresta, dia de Carlos Felipe!*

Recomendações

A Comissão Nacional de Folclore/IBECC/UNESCO, os presidentes e os representantes das Comissões Estaduais de Folclore reunidos no 2º Seminário Nacional sobre Ações Integradas em Folclore, realizado na Cidade de Campinas/SP, no período de 29 a 31 de agosto de 1996, durante o 4º Encontro com Folclore e Cultura Popular, no programa de comemorações do 30º aniversário de criação da UNICAMP, RECOMENDAM:

1) Que a Comissão Nacional de Folclore promova, em nível nacional, a confecção de cartazes e informes sobre o termo *Folclore* e seu uso adequado, utilizando também os meios de comunicação de massa.

2) Que as Comissões Estaduais promovam a realização de campanhas de conscientização sobre o significado e uso adequado do termo *Folclore* em revistas, jornais e periódicos de literatura infanto-juvenil.

3) Que as Comissões Estaduais promovam discussões com professores visando o esclarecimento do significado e uso correto da palavra *Folclore*.

4) Que a Comissão Nacional de Folclore articule a edição de Caderno análogo ao de Renato Almeida - Folclore - e de folhetos informativos para distribuição em escolas de diversos níveis, à luz da Carta do Folclore Brasileiro aprovada em Salvador (1995), no VIII Congresso Brasileiro de Folclore.

5) Que a Comissão Nacional de Folclore interceda junto aos produtores de jogos eletrônicos ("games") sobre o emprego do termo *Folclore* e das diversas manifestações populares para consumo do público em geral e uso nas escolas.

6) Que sejam elaborados projetos conjuntos com órgãos municipais e/ou estaduais visando à abertura de espaço, com apoio e patrocínio, para a apresentação de grupos folclóricos.

7) Que seja realizada, em âmbito estadual, documentação em vídeo, fitas, discos, etc, das manifestações folclóricas com vistas à divulgação pelas redes de comunicação e produtoras musicais.

8) Que as iniciativas visando o apoio para minorar as dificuldades de vida dos membros de grupos folclóricos não se constituam em instrumento de manipulação.

9) Que as Comissões Estaduais atuem junto às Prefeituras Municipais no sentido da criação de cooperativas, sociedades, oficinas, feiras de artesanato etc. para comercialização dos respectivos produtos artesanais.

10) Que seja elaborado um plano

amplo de valorização do artesanato, com órgãos públicos e privados, através dos diversos meios de divulgação, bem como o aproveitamento dos eventos regionais para sua comercialização.
11) Que seja elaborada uma bibliografia nacional de folclore.
12) Que seja organizado um cadastro nacional de professores e folcloristas.
13) Que sejam criados Boletins informativos nas Comissões Estaduais que ainda não o possuem, reativados aqueles de periodicidade interrompida, bem como programada a reedição de obras básicas de folclore esgotadas de autores já falecidos.
14) Que as Comissões Estaduais, que ainda não o fizeram, providenciem os estatutos e os respectivos registros como pessoas jurídicas.
15) Que a Comissão Nacional e as Estaduais, para consecução de seus objetivos, busquem articular-se com a FUNARTE/Coordenação de Folclore e Cultura Popular, com as universidades e órgãos públicos e privados, a nível estadual e municipal, que se proponham a executar ações relativas ao folclore, por exemplo, em relação a publicações, estudos, pesquisas e documentação sonora.
16) Que a Comissão Nacional de Folclore proceda a um trabalho de identificação de folcloristas que venham a constituir comissões em Estados que não as tenham, prestando assistência e incentivo aos membros que se interessem pela consecução desses objetivos.

Ante-Projeto de Pesquisa: Elaboração da Bibliografia Nacional do Folclore

Proponentes: Ático Villas Boas da Mota (Comissão Nacional) e Roberto Benjamim (Comissão Pernambucana)
Executores: Comissões Estaduais de Folclore
Âmbito: nacional, por Estado da Federação

Atividades:
a) Levantamento de dados biográficos dos folcloristas de cada Estado;
b) Levantamento da bibliografia sobre folclore e cultura popular, em ciência do folclore e ciências afins, incluindo teoria e metodologia da ciência do folclore.

Informações biográficas:
- data e local de nascimento
- filiação
- instrução formal
- aspectos complementares da educação
- ocupação principal
- área de interesse intelectual
- participação em órgãos culturais
- participação em grupos de pesquisas
- tipos de pesquisas realizados

(obs: informações biográficas sumárias, sem incluir elogios, etc., e sem avaliação de relevância).

Informações bibliográficas:
- coletar de acordo com as normas da ABNT

(obs: o levantamento deve ser exaustivo, porém, a falta de informações completas não deve levar à omissão nem de autores, nem de títulos).

Critérios de inclusão de nomes:
a) pessoas que hajam publicado estudos sobre temas de interesse do Folclore e Cultura Popular;
b) que sejam nascidos no Estado;
c) que dedicaram a parte principal de sua obra às ocorrências do Estado;
d) que figurar como membros da Comissão Estadual, desde a sua fundação, ainda que não hajam sido localizadas publicações.

AGRADECIMENTOS

- De **Cáscia Frade**, membro correspondente da CMFL: *"Chegando de Campinas, aqui encontrei os exemplares do Boletim nº 17 e ainda alguns números do Roteiro de Pesquisa. Agradeço a gentileza dessa remessa bem como a oportunidade de publicação de meu trabalhinho. Gostaria ainda de ressaltar a importância de sua proposta de valorização de nosso Folclore através de pesquisa, orientada por tão didático manual. Estou pensando em adotá-lo em curso que ministro na UERJ. Como você diz, contrariamente às proposições da maioria das editoras, que 'é estimulada a reprodução total e parcial da publicação desde que citada a fonte e sem fins lucrativos', não terei dificuldade em multiplicá-lo para meus alunos.*
...Cada vez me convenço mais que nosso trato com a cultura popular é decorrente de atos de paixão. E, conforme, alguns entendidos nos mistérios da alma humana, se a paixão é um dos gigantes de nossas motivações na vida, abraçar a causa da valorização de nosso folclore me parece a prova mais cabal. É ou não verdade?
...Quase esqueço de dizer que o Boletim está lindo, com edição cuidada. Coisa de se guardar. Cumprimentando-os pela eficiência, envio meus agradecimentos."

- De **Maria do Carmo Tafuri Paniago**, membro efetivo e conselheira da CMFL: *"Recebi e gostei muito do nosso Boletim nº 17, principalmente pela qualidade, elaboração e nível dos artigos. O livro Folclore: Roteiro de Pesquisa é exatamente aquilo que nos faltava para o nosso trabalho nas escolas e para nosso aperfeiçoamento. Muito bom, mesmo! Parabéns!"*

- De **Affonso M. Furtado Silva**, diretor da Federação do Reisado do Estado do Rio de Janeiro: *"Uma vez mais agradeço pelo envio do Boletim da CMFL nº 17 e da publicação "Folclore: Roteiro de Pesquisa" que vieram a lume no transcurso da 32ª Semana de Folclore e Cultura Popular de BH, ocorrida no mês de agosto/96. São trabalhos que enriquecem sobremaneira o estudo e pesquisa do folclore em nossa terra. Um abraço fraternal."*

- De **Félix Coluccio**, Secretário Geral da Comisión Internacional Permanente de Folklore: *"Muchisimo les agradezco el envio del Boletim nº 17 y Folclore: Roteiro de Pesquisa, publicaciones que honrran a Minas Gerais y a todo el Brasil. El material inserto en el Boletin nº 17, es sencillamente excepcional, para ustedes y para nosotros con varios puntos de contacto, como es lo vinculado a San Antonio, Los festejos juninos, Comunicação e folklore, entre otros. Mención a parte merecen las documentadas ilustraciones de obras, las más obras de artesanos desconocidos. No puedo dejar de mencionar el prólogo o apresentação, cuyo último párrafo merece ser meditado por todos, folkloristas, educadores, artistas, etc.*
Vayan mis modestas felicitaciones para todos los que colaboram en esa obra que sale cuando el Folklore nacia hace 150 años."

- De **Moacyr Costa Ferreira**, membro da CMFL: *"Recebi o "Boletim nº 17" e o "Folclore: Roteiro de Pesquisa". Tais publicações vêm enriquecer a literatura folclórica do país e foram possíveis graças ao dinamismo dos membros desta Comissão. Agradeço-lhes a oportunidade de poder participar do Boletim. O "Folclore: Roteiro de Pesquisa" é de suma importância para pesquisadores na área de folclore e para as escolas em geral."*

- De **Cleide Mourthé**, Diretora da Faculdade de Ciências Humanas de Curvelo: *"A Faculdade de Ciências Humanas de Curvelo agradece Vs. Sas. pela doação dos exemplares dos Boletins da Comissão Mineira de Folclore e do livro "Folclore: Roteiro de Pesquisa". Essas obras serão de grande importância para nossos professores e alunos, contribuindo para o enriquecimento do nosso acervo bibliográfico."*

- De **Renato José Costa Pacheco**, membro da Comissão Espírito Santense de Folclore: *"Acuso recebimento dos excelentes Boletim nº 17 de agosto/96 e Folclore: Roteiro de Pesquisa".*

- De **José Maria Tenório Rocha**, presidente da Comissão Alagoana de Folclore: *"Agradeço o envio da excelente revista da Comissão Mineira, a melhor das revistas já publicadas no Brasil: muito bem pensada, bem editorada, contendo material de excelente qualidade, assim como o "Folclore: Roteiro de Pesquisa".*

- Da **Biblioteca Pública Estadual "Luiz de Bessa"**: *"Recebemos e agradecemos o Boletim da Comissão Mineira de Folclore nº 17, agosto/96."*

- De **David de Carvalho**, membro da CMFL: *"Mesmo sendo escritor experimentado, com prêmios literários ganhos e livros publicados, foi para mim uma surpresa muito agradável deparar com três contos do Bentinho da Samambaia publicado no Boletim nº 17, agosto/96, da Comissão Mineira de Folclore. Fiquei como criança que ganha balas. Ou como pai ao ver o filho ganhar balas, pois "quem dá bala ao meu filho me adoça a boca". E o Bentinho da Samambaia é meu filho que, no modo de Cervantes referindo-se a Dom Quixote, por ser seu filho, peço aos leitores queiram bem a ele. Coitadinho! Criado na roça, como foi, sem escola, só podia dar no que deu: um tabaréu simplório que, romântico e respeitoso, certa vez, achou um coador no ruado e se julgou diante da metade de um sutiã da amada, a Firmina, que nem "sustentáculo" usava. Respeitosamente pegou tal peça e levou ao padre para que, em embaixada, levasse o perdido à legítima dona. Coitadinho mesmo! Pagãozinho por falta por causa da falta de padre no lugar. Não quer você fazer a "santa caridade piedosa", para ganhar indulgências lá do outro lado do muro, sendo padrinho dele? Quando eu publicava as suas façanhas no "Suplemento Literário" do Minas Gerais, os contos escritos estavam na casa dos setenta. A qualquer hora voltarei a escrever a respeito dele para vocês. Muito obrigado pela tolerância que tiveram com ele e pela remessa dos 10 exemplares enviados."*

- Da **Baronesa Esther S. A. de Almeida Karwinsky**, presidente da Comissão Paulista de Folclore: *"Recebi há vários dias a Revista da Comissão Mineira de Folclore nº 17 - 1996, o Manual de Folclore - Roteiro de Pesquisa e o CMFL Notícias ano I, nº 12, agosto 1996. Muito lhes agradeço e aceitem meus efusivos parabéns. (...) Vocês esperam minha opinião, análise e crítica sobre as matérias publicadas na revista? Quem sou eu? Entretanto devo confessar que muito admirei sua capa sóbria e sugestiva! E o conteúdo? Excelente! Instrutivo. Artigos de mestres do Folclore! O relatório da CMFL, desde sua criação até nossos dias é brilhante! Não tive o prazer de conhecer o Prof. Aires da Mata Machado, mas tenho tido a sorte e privilégio de merecer a amizade e receber orientações do grande mestre do Folclore brasileiro Saul Martins, inigualável personalidade que muito admiro e estimo."*

CORRESPONDÊNCIAS

- De **Maria de Lourdes Côrtes Romanelli**, superintendente de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais: *"Servimo-nos do presente ofício para levar ao conhecimento de Vs. Sas. a providência que recomendamos, no sentido de ser anexado ao acervo das "Coleções Mineirianas" desta Biblioteca as publicações "Folclore: Roteiro de Pesquisa", "Afinal, o que é ser mineiro?" e "Comissão Mineira de Folclore - Boletim nº 17", que nos foram doados recentemente. Como o referido material contém valioso conteúdo cultural, gostaríamos de distribui-lo a cerca de 750 bibliotecas que possuem convênio de doação recíproca com a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, para também fazer parte do seu acervo."*

- CMFL: Prezada Maria de Lourdes,

infelizmente a Comissão não tem condições de enviar estas publicações para todas as bibliotecas mineiras. As secretarias de Educação e de Cultura do Estado poderiam reproduzir, tanto o Boletim quanto o Roteiro de Pesquisa, para este atendimento. Quanto ao "Afinal, o que é ser mineiro?", o SESC/MG, responsável pela publicação, com certeza, teria muito prazer em atendê-la. Entre em contato com ele.

- De **José Maria Tenório Rocha**, presidente da Comissão Alagoana de Folclore: *"Entusiasmou-me saber da capacidade de trabalho e de recursos que vocês dispõem em Minas Gerais. O CMFL Notícias cada vez mais surge com excelentes novidades e motivações, coisa admirável! Muito bom o artigo do Gutemberg Costa sobre PC na literatura de cordel. Fato que desconhecia completamente, por não ter surgido tais folhetos em Maceió. Bom seria que o Gutemberg aprofundasse o tema e nos desse um ensaio em definitivo sobre a problemática. Tenho um estudo sobre as modernas quadrilhas juninas, com oito páginas, que ainda não pude publicar aqui em Alagoas. Como publicar por aí? Pode ser?"*
- CMFL: Esperamos que o Gutemberg Costa, membro da Comissão Norteriograndense de Folclore, fique estimulado por sua provocação e realize este estudo. Quanto ao seu trabalho sobre as modernas quadrilhas juninas, você poderá enviá-lo. Devido ao tamanho, não temos como publicá-lo neste "Notícias", mas teremos o maior prazer em inclui-lo no Boletim nº 18, previsto para o próximo ano.

- De **Robinson Correa Gontijo**, diretor regional do SESC/MG: *"em resposta ao cartão de agradecimento pela participação do SESC/MG na 32ª Semana de Folclore, gostaríamos de externar-lhes que a Direção deste SESC/MG, através de seu Conselho Regional, se sentiu sensibilizada com as manifestações expressas na citada correspondência. É necessário ressaltar que do "mutirão de vida", o SESC/MG é um ativo participante e estará permanentemente apoiando e divulgando as manifestações da sabedoria popular de Minas Gerais. Fortalecidos e incentivados pelas palavras elogiosas de Vs.Sas., renovamos-lhes o nosso cordial abraço".*
- CMFL: Prezado Dr. Robinson, a Comissão Mineira de Folclore, em seus 48 anos de existência, sempre teve o apoio generoso e solidário desta instituição em todas as suas atividades, por isso estamos orgulhosos em comemorar, junto com toda sua equipe, seus usuários e seus parceiros, o Cinqüentenário do SESC, ocorrido no dia 13 de setembro deste ano. Parabéns!

- De **Alcyone Meirelles S. Santos**, da Comissão Pró-Museu Histórico Municipal - Divino/MG: *"A finalidade deste é comunicar-lhe que foi criado, no dia 23/10/95 o Museu Histórico Municipal em Divino, pelo Prefeito Municipal Sr. Geneci Pereira Brum, através do Decreto 004/95 e da Portaria 176/95 para ser organizado e inaugurado em 12 meses. Tal fato aconteceu dia 08/09/96 com muito brilhantismo, coincidindo com o "1º Encontro de Bandas de Divino". Gostaríamos, se possível, de receber correspondência para o crescimento do referido Museu. Desde já agradecemos sua atenção e nos colocamos a seu inteiro dispor para qualquer esclarecimento."*
- CMFL: Prezada Alcyone, parabéns pela feliz iniciativa. Esta Comissão **também se coloca ao seu dispor.** Comunicamos aos interessados em colaborar que poderão fazê-lo, enviando suas contribuições para o seguinte endereço:
Museu Histórico Municipal
Praça Dr. Genserico Nunes de Oliveira, 193 - Centro
36.820-000 - Divino/MG

- De **Áurea Lúcia Xavier Santos**, auxiliar da biblioteca comunitária de Francisco Sá/MG: *"Vimos através desta pedir-lhes que nos enviem doações para o acervo bibliográfico. A Biblioteca Comunitária atende a demanda de todas as escolas de 1º e 2º graus, rurais e urbanas, em nº de 51, sendo 50 escolas de ensino fundamental e 01 de ensino de 1º e 2º graus (5ª a 8ª séries e curso magistério e contabilidade). Tendo em vista o seu baixo poder aquisitivo, as escolas não possuem bibliotecas que atendam todas as necessidades. Gostaríamos de ter retorno desta, pois necessitamos de livros de literatura, literatura infanto-juvenil, apoio didático, enfim, quaisquer fontes que venham auxiliar nossos educandos no caminho do saber. Somos muito agradecidos pelo atendimento da mesma."*
- CMFL: Prezada Áurea, estamos enviando-lhe algumas publicações desta Comissão. Os leitores interessados em atender a esta solicitação poderão também fazê-lo, enviando suas publicações para o seguinte endereço:
Biblioteca Comunitária Euler M. Moreira
Praça João Bawder, 1014 - Centro
39.580-000 - Francisco Sá/MG

RECEBEMOS

*** De Lázaro Francisco da Silva, membro efetivo da CMFL**, o seu primeiro livro infantil "A Princesa que não ria", recém-lançado pela Editora Lê, Belo Horizonte/MG, 1996. Os contos recontados neste livro foram pesquisados pelo autor na região de Ouro Preto e Mariana, entre carvoeiros, garimpeiros e tropeiros.

*** Da Coordenação de Folclore e Cultura Popular/ Funarte/MINC:**
- Os discos Reisado do Piauí (nº 19), Baianas/Alagoas (nº21), Fandango/ Alagoas (nº 22), Torém/Ceará (nº 30), componentes do documentário sonoro do Folclore Brasileiro e os seguintes discos avulsos: Ciclo do Padre Cícero: a Arte da Cantoria Vol.3, Cangaço: A arte da Cantoria Vol. 4 e Tambor de Mina, Cura e Baião;

- As publicações da série "Sala do Artista Popular": Escrevendo na Madeira, Esculturas de José Heitor (nº 61), Dar de Comer, Panelas de Barro de Goiabeiras (nº 62), Pisando o Barro, Dançando na Lua (nº 63), Bombacha, tchê! (nº 64).
- Os seguintes livros: O Folclore no Litoral Norte de São Paulo, de Rossini Tavares de Lima e outros; Rede de Dormir, de Luís da Câmara Cascudo; Anúbis e outros ensaios, de Luís da Câmara Cascudo; Repente e Cordel, de Vicente Salles; Ternos de Congos Atibaia, de Élsie da Costa Girardelli; A Festa de Santa Cruz da Aldeia de Carapicuíba/SP, de Eduardo A. Escalante; O Folclore das Tropas, Tropeiros e Cargueiros no Vale do Paraíba, de Tom Maia e Thereza Regina de Camargo Maia; Beiradeiros do Baixo-Açu, de Nazira Abib Vargas; Dez Abanos e Abebês: emblemas do poder feminino, de Raul Lody; Xilogravura Popular: Enéias Tavares; Tudo que tem na terra tem no mar, de Gláucia Oliveira da Silva
- Exemplares da série Encontros e Estudos 2: O Museu em Perspectiva - Ministério da Cultura/ FUNARTE/ Coordenação de Folclore e Cultura Popular.
- Os informativos: Quem pergunta quer saber, Museu de Folclore Edison Carneiro, Olhando em volta e De mala e cuia

*** De Edgar de Souza, presidente da FRERJA - Federação do Reisado do Estado do Rio de Janeiro**, um documentário em vídeo reproduzindo síntese dos principais encontros e apresentações de Folias de Reis em terra fluminense. *"Esse trabalho, realizado sob a coordenação de nosso membro e diretor Sr. Affonso Furtado, retrata e evidencia a grande riqueza e diversidade desta manifestação folclórica típica dos Estados da Região Sudeste do Brasil. Anexamos à presente, cópia do referido vídeo no sentido de integrar o acervo cultural de sua organização, possibilitando, desse modo, mais uma referência aos estudiosos e pesquisadores de nossas tradições populares."*

*** De José Avelino Bezerra, idealizador e coordenador dos Encontros com o Folclore e Cultura Popular**, da UNICAMP/SP, recebemos o vídeo sobre o 3º Encontro realizado em agosto de 1995 e os seguintes textos: "Música Folclórica Brasileira" e "Lúdica Infantil", ambos da Dra. Rose Marie Reis Garcia, vice-presidente da Comissão Gaúcha de Folclore, e "Danças Folclóricas", da Profª Rosa Maria Barbosa Zamith. Estes textos foram apresentados durante o 4º Encontro com o Folclore / Cultura Popular.

*** De Zélia Sá Viana Camurça, presidente da Comissão Cearense de Folclore,** o texto Educação Indígena Brasileira, publicado na revista Educação em Debate Ano 14, números 21-22, 1991.

*** Da Comissão Nacional de Folclore/** IBECC/UNESCO, recebemos o disquete contendo a Carta do Folclore Brasileiro, aprovada no VIII Congresso Brasileiro de Folclore, realizado em Salvador/BA, em 1995 e os Anais do 1º Seminário Nacional Sobre Ações Integradas em Folclore, realizado em Divinópolis/MG, em novembro de 1994.

*** Do Grupo Amalê** de Juiz de Fora/ MG, recebemos um livreto informando sobre suas atividades desenvolvidas nos diversos setores da pesquisa e divulgação da cultura popular. Esta publicação comemora os 22 anos de sua existência, resistência e persistência.

*** De Moacyr Costa Ferreira, membro efetivo da CMFL**, os livros: "Dicionário Poliglótico de Nomes de Pessoas", Edicon, São Paulo, 1996 e "Dicionário de Afixos Greco-Latinos", Edicon, São Paulo, 1994.

*** De Gutemberg Costa, membro da Comissão de Folclore do Rio Grande do Norte**, recebemos uma série de artigos da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço/SBEC e os jornais "Mossoró e o Cangaço", relativos aos 98 e 99 anos de Lampião, publicados em 1995/96.

*** De Laura Della Mônica, membro da Comissão Paulista de Folclore**, recebemos o livro "Os Três Santos do Mês de Junho", Olímpia/SP, 1995.

*** Da Baronesa Esther S. A. Karwinsky, presidente da Comissão Paulista de Folclore**, recebemos a Revista "Folclore" nº 21, de 1996, publicada pela Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá.

PS - *Informamos a todos os membros da CMFL que as referidas publicações estão à disposição para consulta e empréstimo. Todo material bibliográfico recebido em duplicata ou maior quantidade será enviado para a nossa biblioteca, funcionando junto ao Museu do Folclore, em Vespasiano/MG*

TEXTOS & REFLEXÕES

CARRANCAS DE PROA

- Moacyr Costa Ferreira -(*)

As bandeiras que partiam do Nordeste usavam o rio São Francisco para penetração. Em suas margens, desenvolveu-se a criação de gado no Brasil; é navegável em 1.800 quilômetros de seu percurso e a navegação a vapor foi nele iniciada em 1865.

As embarcações que navegam o médio rio (de Pirapora, em Minas, até Juazeiro, na Bahia) levavam, nas proas, as "carrancas", que hoje se tornaram raras.

Verdadeiras obras de artesanato em madeira, as carrancas, de origem desconhecida, salientam o seu valor artístico e mágico, protetoras dos barcos.

Diz a lenda que no rio São Francisco existe o "Negro d'Água", virador de embarcações. As carrancas representam monstros ou seres fantásticos, capazes de assustar o ente

amedrontador. Existe uma crença, entre os barqueiros, que antes de o barco afundar-se, a carranca dá um aviso, e são ouvidos três gemidos. Dizem que alguns barqueiros, que foram assim avisados, conseguiram, miraculosamente, fugir, sãos e salvos, de naufrágio.

Antigamente, nenhuma barca da região viajava sem a sua carranca de proa, representando figuras zoomórficas, antropomórficas ou híbridas. Quando a componente mágica foi-se diluindo, as figuras de prova fixaram deuses e alegorias; as representações zoomórficas, que chegavam a envolver toda a estrutura da navegação nos primeiros tempos, tornaram-se híbridas e antropomórficas.

O carranqueiro, ou escultor popular, profissão já quase extinta, utilizava um pedaço de tronco de árvore, de preferência cedro, para a realização de seu trabalho. Usava instrumental tosco e aproveitava a secção transversal, tanto quanto possível, para obter maior volume. Nos exemplares antigos, aparecem vestígios de pinturas nas cores negro e ocre; nas peças modernas, "há uma busca intencional de colorido, relacionado ao gosto popular", como disse Maria Augusta Machado da Silva, em seu trabalho Carrancas de Velho Chico.

As carrancas eram encomendadas pelos proprietários das barcas e visavam, principalmente, dois objetivos: exibição de aparência social dos donos das embarcações e como propaganda comercial dos produtos transportados, atraindo a atenção das populações ribeirinhas.

Com o advento da navegação a vapor, entrando em declínio os veleiros, as figuras de proa se tornaram mais ornamentos simbólicos, representando, ainda, "a tremenda força do sertão bruto que se fixa em toscas esculturas arcaizantes".

As carrancas do São Francisco surgiram por volta de 1888, datando desta época as primeiras referências sobre elas, feitas por Antônio Alves Câmara e Durval Vieira de Aguiar. Quanto à sua origem, alguns acham que teve caráter comercial, relacionado com o transporte de suprimentos às populações ribeirinhas; outros acreditam em sua origem mítica, com o efeito de espantar o "Negro d'Água".

Revelam-nos alguns pesquisadores que as carrancas de proa têm origem no costume grego de pintar enormes olhos nos dois lados da proa de suas naves. As primitivas carrancas propriamente ditas representavam a divindade protetora da nau. No Egito, houve embarcações que levavam a cabeça de um deus no alto da proa.

Usou-se, também, o costume de dar nome ao barco e a figura do talhamar representava, em geral, a personagem ou a idéia em que o nome do barco se inspirava.

Era, ainda, comum representar as feições do dono do barco, assim como a figura de Netuno, Afrodite, e outras divindades pagãs, relacionadas com o oceano.

A arte do carranqueiro tem algo ligado à sobrevivência do antigo paganismo, representando o simbolismo náutico e a superstição a que se prende a gente do mar e dos rios.

No Brasil, as carrancas significam uma manifestação artística presente durante um curto período histórico (menos de um século), sendo "fruto da criação de uma cultura e de uma região, isoladas do resto do País e do Mundo", conforme escreveu Paulo Pardal.

Já não se encontram mais, nas proas das embarcações do São Francisco, as célebres carrancas, que representavam originalidade sem par na história da navegação. Sua produção, hoje, visa apenas atender aos colecionadores e turistas, sendo que algumas delas ainda são confeccionadas por autênticos artistas primitivos.

BIBLIOGRAFIA:

- FERREIRA, Moacyr Costa. O Folclore Brasileiro, no prelo.
- MARTINS, Saul Alves. Folclore: teoria e método. Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1986.
- PARDAL, Paulo. Carrancas de São Francisco. Rio de Janeiro, MEC/FUNARTE, 1979.

(*) Membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore

A FESTA DO CONGO DE OLIVEIRA

- Márcio Almeida -(*)

A Festa do Congo está completando, este ano, em Oliveira, 170 anos de resistência cultural. Envolvendo a participação direta de mais de mil congadeiros, a festa existe desde 1826, quando ainda arraial, ali foi erguida a Irmandade do Rosário. A Congada de Oliveira, conforme análise do folclorista Saul Martins, destaca-se "com pujança pela riqueza e beleza rítmica e visual". Por ter sido um dos maiores centros escravagistas do Oeste, diz o historiador L. Gonzaga da Fonseca, a Congada de Oliveira reflete de modo vivo e dinâmico a forte influência afro-negra na formação colonizadora rural e contemporânea.

Contudo, está a festa de N. S. do Rosário sujeita à descaracterização e os congadeiros à marginalização social. Mantidos sob o prisma de preconceitos étnico-racial, da manipulação como mão-de-obra barata, artificialismos, superficialidades empíricas e condicionamentos, os congadeiros, entretanto, resistem culturalmente. Ainda que limitados, em nível histórico, à dialética da questão da usura, do exótico, da subserviência e ao processo de aculturação da negritude, impõem-se, em contrapartida, no exercício da cidadania e dão o exemplo de afirmação política e de reivindicação de direitos.

É aí que, 170 anos depois, justifica-se ainda a resistência cultural da Congada de Oliveira, o maior e mais genuíno legado da cidade. A Festa do Congo, enquanto referência cultural, subentende dois níveis estruturais conformando uma evidência da antropologia sincrética: uma, a manifestação mítico-religiosa, caracterizada pelas devoções santeiras, pela relação com a igreja e com a herança africana; a outra, artístico-cultural, caracterizada pela

coreografia, os ritmos, os instrumentos, a indumentária, o repertório oral. Ambas, como analisa Zanoni Roque Neves, especificam, entre congadeiros, a evolução de escravos para uma manifestação sócio-cultural de assalariados. Pelo método de analise folclórico-antropológico, a Festa do Congo é caracterizada por "idéias elementares" de uma "área geográfica-cultural" na qual prevalece a "teoria da sobrevivência ou da persistência de certas condições de crença, costumes e tradições" (Gomes) em relação ao trabalho de resistência do congadeiro num espaço simbólico contra a dominação.

Esta tese vai de encontro à do antropólogo Massimo Canevacci que, classificando o construtivismo das hibridações culturais brasileiras, encontrou no sincretismo uma arma poderosa contra a dominação. Segundo Canevacci, o sincretismo religioso significou, no Brasil, uma forma de resistência das populações de origem indígena e africana, que tinham de camuflar as próprias raízes culturais e religiosas e transformá-las em algo que compusesse uma fachada de religião católica, preservadas as raízes e as formas de ver a vida próprias da religiosidade original africana.

Note-se a assertiva no ritual do boi do rosário como arauto da Festa do Congo cuja saída preserva uma reza localizada em louvor e proteção da comunidade congadeira. O boi, portanto, representa a dinâmica e a tensão, de origem histórico-antropológica, existente entre a localização e a globalização na difusão do sincretismo. Nesse sentido, a Festa do Congo de Oliveira mantém a necessidade de preservação da identidade locacional diante da despersonalização provocada pela globalização. Por isso, o sincretismo é uma estratégia para utilizar elementos da cultura dos povos discriminados e inseri-los na perspectiva mais alta da cultura contemporânea. A Festa do Congo é um meio de o congadeiro tomar consciência de si mesmo e de impor seu destino na sociedade.

Obs: Publicado no Estado de Minas, 18 de setembro de 1996
(*) Jornalista

POESIA E FOLCLORE
INFLUÊNCIAS, LAÇOS E TRAÇOS
- Lucília Cândida Sobrinho -(*)

A poesia, essa arte milenar, possui um magnetismo que transpõe limites e vem desafiando o tempo. Sua intemporalidade a torna presença constante na vida de qualquer ser humano e independe de valores éticos, estilos ou tendências. Simplesmente é parte do viver, ainda que não sentida, não determinada ou desejada. Do momento que alguém cantarolar uma canção, se ela tiver letra, aí estará a poesia sem que para isso haja intenção de invocá-la. A melodia é o veículo para a poesia e vice-versa.

A poesia é, fundamentalmente, o sentimento traduzido em palavras, onde fantasia, realidade, ilusões, crenças, amores ondeiam em matizes com maior ou menor intensidade poética, variando com o sentir do autor.

A poesia, as sensações se extravasam como uma taça que transborda ao ser tocada pela emoção. O momento poético balança como um pêndulo na alma do poeta de maneira espontânea, sutil e se traduz em versos. Aí está o momento criador.

Por exprimir o sentimento da natureza humana, a poesia é universal.

A poetisa Benete Judith Cândido assim se expressou em seu poema O QUE É A POESIA?

"Poesia é dia em pleno alvorecer,
é clara manhã de luz repleta...
Poesia é como o sol poente:
breve instante de emoção completa
São faróis de brilho intenso
a iluminar a alma do poeta!"

O escritor Vanfredo nos diz: *"A poesia, a mais representativa arte da palavra, guarda a essência das mais altas inspirações estéticas!"*

O Folclore, como expressão de cultura popular, transmitida na interação social, sem ser imposta ou sistematizada, é a definição cultural de um povo. Suas expressões são vivenciadas espontaneamente e têm uma função na comunidade, mantendo, no seu curso as raízes.

Em todas as suas manifestações o folclore traduz-se em folguedos, danças, linguagem típica, usos e costumes, crendices e superstições, literatura e medicina populares, rodas, jogos, etc.

O Folclore é a cultura aberta à transmissão oral e coletiva, modificando-se com experiências que as massas populares adquirem, inclusive por influência da cultura erudita. As manifestações folclóricas são caracteristicamente regionais ou nacionais, mas ao mesmo tempo universais porque expressam a natureza humana, tal como a poesia.

Algumas das características do fato folclórico:

ANONIMATO (o autor é desconhecido e o coletivo se apropria de sua autoria);

ESPONTANEIDADE (não é oficial nem institucionalizada e é totalmente informal);

TRADICIONALIDADE (vem do passado ou de gerações anteriores até os dias atuais);

FUNCIONALIDADE (existe uma função no fato que garanta a manutenção e o não desaparecimento);

VULGARIDADE (é assumido no meio popular sem elitização ou apropriação pelas classes dominantes).

Todas as formas de expressão artística podem e devem aproveitar a cultura folclórica e, felizmente, no Brasil essa transposição tem sido uma constante no teatro, no cinema, na dança, na televisão.

Os laços entre a Poesia e o Folclore são de inegável beleza e sensibilidade, numa trajetória que remonta a séculos. No Brasil, esses laços vêm influenciando a nossa

vida desde os mais tenros dias, através de jogos, rodas e brincadeiras. O folclore e a poesia desempenham papel de relevância como coadjuvante na formação moral e intelectual das crianças, em todas as camadas sociais.

Era costume mães e babás cantarem uma cantiga ao ninar uma criança, mal a vida desabrochava. Doce embalo!

"Boi, boi, boi
boi da cara preta
pega essa criança
que tem medo de careta."

Sua mensagem, nem tão bonita ou positiva quanto tema, hoje provavelmente não mais é lembrada. Crianças dormem tarde, embaladas muitas vezes, participando de atividades ou programas inadequados à sua formação.

E as histórias contadas ao pé do berço que, freqüentemente, eram interrompidas no limiar entre a fantasia e o sono?

Vinham os primeiros passos, as primeiras palavras, a percepção do exterior. Com pouca idade as crianças aprendiam as primeiras cantigas como:

"Atirei o pau no gato,to,to
mas o gato, to, to
não morreu, reu, reu..."

ou talvez:

"Marcha soldado
cabeça de papel
se não marchar direito
vai preso pro quartel."

Esta deixa clara a noção de disciplina e responsabilidade ainda que de maneira severa.

A criança aprendia também a rezar e a ter fé numa energia infinita e inesgotável.

"Santo Anjo do Senhor,
meu zeloso guardador..."
"Ave Maria, cheia de graça..."

Deus assim foi lembrado pelo Poeta:

"Minha mãe a sorrir olhou pros céus
E respondeu: - Um ser que nós não vemos,
É maior do que o mar, que nós tememos,
Mais forte que o tufão! meu filho, é - Deus!"
Casimiro de Abreu

A infância deslizava marulhante como a fonte cristalina que nasce no alto do monte e corre alheia ao apelo da flor.

"Deixa-me, deixa-me, fonte!
Dizia a flor a chorar:
Eu fui nascida no monte...
Não me leves para o mar."
Vicente de Carvalho

O amor
a vida
o sonho
a lida...

A criança passeava na fantasia.

"Fui no Itororó
beber água não achei
achei bela morena
que no Itororó deixei..."

Penca de sonhos a serem dourados pelo sol de primavera...

Na escola, com certo domínio das letras, declamava:

"Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste!
Criança! não verás nenhum país como este!
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A natureza aqui, perpetuamente em festa!
É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos!"
Olavo Bilac

Era o descortinar do amor à Pátria.

Plantas e animais eram personagens que desfilavam (ou ainda desfilam) na passarela da infância.

"A minha gatinha parda
que ainda ontem me fugiu
quem roubou minha gatinha
você sabe, você sabe
você viu?"

As árvores são ainda grandes amigas e refúgio para as incursões pelo mundo fantástico do faz-de-conta...

"Olha estas velhas árvores, mais belas,
Do que as árvores novas, mais amigas,
Tanto mais belas quanto mais antigas.
Vencedoras de idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto, à sombra delas
Vivam livres de fomes e fadigas.
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas..."
Olavo Bilac

Rua e praças tranqüilas e o fundo dos quintais eram palco das mais variadas peraltices e até mesmo de algumas façanhas próprias da idade.

Inúmeras brincadeiras faziam parte do dia-a-dia: chicotinho queimado, cabra cega, passa-passa gavião, esconde-esconde, barra manteiga, passa anel, boca de forno e tantas e tantas... Até andar nas enxurradas com pés

descalços era um divertimento.

A esse tempo, as crianças afins reuniam-se em grupos e começava o cultivo da amizade.

"Põe aqui, põe aqui
o teu pezinho, teu pezinho,

põe aqui, põe aqui
bem junto ao meu,
bem junto ao meu.
Ao tirar, ao tirar
o teu pezinho, teu pezinho
um abraço, um abraço
dou-te eu, dou-te eu..."

De mãos dadas, em grandes rodas, as crianças eram como corrente; cada elo, uma promessa de vida. As cantigas enchiam as noites de alegria derramada dos corações ainda em botão.

"Oh! que noite tão bonita
oh! que céu tão estrelado,
quem me dera ver agora
o meu lindo namorado..."

ou esta:

"Nesta rua, nesta rua
tem um bosque
que se chama
que se chama solidão.
Dentro dele, dentro dele
mora um anjo
que roubou, que roubou
meu coração..."

Era quando a infância começava a esmaecer e a mostrar seus últimos coloridos. Era o desabrochar da adolescência que chegava vigorosa, exuberante, insegura, mas plena de esperança!

Tempos atrás era comum, nas escolas, as meninas trocarem cadernos de recordação. Uma poesia era escrita no caderno e dedicada à colega. Olavo Bilac, Raimundo Correia, Casimiro de Abreu, Guilherme de Almeida eram dos mais copiados.

O soneto DUAS ALMAS, de Alceu Wamosy, era uma constante nos cadernos:

"Oh! tu que vens de longe, oh! tu que vens cansada,
Entra, e sob o meu teto encontrarás carinho:
Eu nunca fui amado e vivo tão sozinho,
Vives sozinha sempre e nunca foste amada."

O tempo passa e as fases da vida vão-se sucedendo num ritmo mais veloz do que o desejado. As imagens, tristes ou alegres, permanecem quase sempre nítidas na memória e, não raro, desfilam na mente como um filme inesquecível. Ah! o tempo, o tempo...

"Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida,
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras
Debaixo dos laranjais!"
Casimiro de Abreu

Ontem, a flor. Hoje, o fruto...

Este trabalho sugere que é possível resgatar, através da memória, um pouco desse passado distante, que se faz presente se for buscado carinhosamente no baú do velho tempo.

Coelho Netto assim se expressou:

"Só há um meio de viver no passado e no futuro - é guardar lembranças e sonhos."

(*) Grupo Renascer - 3ª idade
Serviço Social do Comércio - SESC/MG
Centro Desportivo e Cultural Carlos Prates

CONTATO E CORRESPONDÊNCIA: SEBASTIÃO ROCHA - PRESIDENTE
COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE - CMFL
RUA PARAISÓPOLIS, 80 - SANTA TEREZA
31.010-330 - BELO HORIZONTE/MG
FONE: (031) 463-6357 - FAX: (031) 463-0012